






Ocorrência de plantas ornamentais tóxicas na região urbana de União da Vitória, Paraná

Karen Adriani Kazmierczak¹; Alan Deivid Pereira ²; Rogério Antonio Krupek³

1. Egressa, curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) campus de União da Vitória. E-mail: karenadriani2910@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/9611354116529645>
2. Docente do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) campus de União da Vitória. E-mail: alan.pereira@ies.unespar.edu.br  <https://orcid.org/0000-0002-3182-2344>
3. Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) campus de União da Vitória. E-mail: rogerio.krupek@unespar.edu.br  <https://orcid.org/0000-0001-8079-5867>

Recebido em: 27/02/2025

Aceito em: 06/10/2025

Publicado em: 03/02/2026

Resumo

Plantas tóxicas são aquelas que podem causar danos à saúde de humanos e animais por ingestão, inalação ou contato dérmico. Os efeitos adversos da intoxicação variam desde irritações leves na pele até reações mais graves, como o óbito. Destacam-se neste estudo as plantas ornamentais, que estão presentes em diversos locais de fácil acesso a humanos e animais domésticos. No Brasil, muitas espécies potencialmente nocivas, são desconhecidas por grande parte da população principalmente em ambientes públicos ou de grande circulação. Diante disso, é necessário que se realizem estudos focados na ocorrência e mapeamento local de plantas tóxicas. Objetivou-se neste estudo catalogar a ocorrência de plantas ornamentais tóxicas na região urbana do município de União da Vitória-PR e verificar o senso comum em relação a toxicidade das espécies ornamentais de cultivo comum. A coleta de dados ocorreu entre março e setembro de 2024 em praças públicas e residências adjacentes na região central do município. A catalogação das plantas foi realizada com base em registros fotográficos, a identificação botânica das espécies foi baseada em consultas a herbários virtuais (Reflora). Nas residências amostradas obteve-se 10 espécies e nos espaços públicos obteve-se duas espécies de plantas tóxicas, sendo a espécie *Catharanthus roseus* (L.) G. Don. ocorrente em ambos os locais. Araceae teve a maior representatividade geral, enquanto a espécie *Sansevieria trifasciata* Prain teve maior ocorrência nas residências. Verificou-se que a maioria dos residentes não possui conhecimento sobre a toxicidade da planta cultivada, o que pode ser preocupante, devido a ampla utilização deste tipo de planta.

Palavras-chave: Plantas ornamentais, Araceae; toxicidade.

Occurrence of toxic ornamental plants in the urban region of União da Vitória/PR

Abstract

Toxic plants are those that can cause harm to the health of humans and animals through ingestion, inhalation or dermal contact. The adverse effects of poisoning range from mild skin irritation to more severe reactions, such as death. Ornamental plants, which are present in several places easily accessible to humans and domestic





animals, stand out in this work. In Brazil, many potentially harmful species are unknown to a large part of the population, therefore, it is necessary to carry out studies focused on the local occurrence of toxic plants. The objective of this work was to verify the occurrence of toxic ornamental plants in the urban region of União da Vitória/PR, in addition, to describe the potentially toxic species cataloged and to verify the common sense of residents regarding the toxicity of ornamental species. Data collection took place between March and September 2024. The cataloging of the plants was carried out through photographic records, the botanical identification of the species was based on analyses of virtual herbaria (Reflora) and descriptive statistics were applied to the data. Ten species were found in the sampled residences and two species were found in the public spaces, with the species *Catharanthus roseus* (L.) G. Don. occurring in both locations. The most representative family was Araceae, while the species *Sansevieria trifasciata* Prain was most frequently found in the residences. It was found that most residents do not have knowledge about the toxicity of the cultivated plants, which may be worrying, due to the widespread use of these plants.

Key-words: Ornamental plants, Araceae, toxicity.

Introdução

São definidas como tóxicas as plantas que, ao serem ingeridas ou manipuladas, possuem a capacidade de provocar efeitos nocivos à saúde de seres humanos e animais, quando seus compostos são introduzidos no organismo, podendo ser através de ingestão, inalação ou contato dérmico (CRUZ, 2019). De acordo Martins et al. (2016), muitos vegetais possuem metabólitos secundários potencialmente tóxicos, para pelo menos uma espécie animal.

Existem inúmeras espécies de plantas tóxicas, porém, este trabalho destaca aquelas classificadas como ornamentais. Estas ocupam, cada vez mais espaços livres, interiores de residências e de locais de trabalho, visto que conseguem adaptar-se a diferentes ambientes. Suas características estéticas atrativas como coloração vibrante, aroma e simbologias culturais associadas à proteção ou rituais religiosos, podem representar potenciais riscos à saúde de humanos e animais domésticos. Esse perigo está relacionado à presença de compostos tóxicos em suas estruturas, que podem causar efeitos adversos (AGUIAR; VEIGA JUNIOR, 2021).

Embora muitas plantas ornamentais também sejam utilizadas em práticas terapêuticas, como na preparação de chás, grande parte dessas espécies, presentes em nosso cotidiano, contém metabólitos tóxicos (COELHO et al., 2018). Quando ingeridas, inaladas ou em contato com a pele, essas plantas podem causar alterações patológicas. As intoxicações podem variar desde irritações leves e distúrbios no organismo até casos mais graves, que podem levar à morte (CAMPOS et al., 2016).

Estudos recentes têm analisado as plantas tóxicas encontradas nas residências brasileiras, destacando a importância de adquirir conhecimentos sobre fitoterapia como uma medida preventiva contra potenciais acidentes (CAMPOS et al., 2016). As principais plantas ornamentais associadas a casos de

intoxicação pertencem às famílias Araceae e Euphorbiaceae (SILVA et al., 2020). As características que conferem toxicidade às plantas pertencentes à Araceae variam, mas habitualmente são atribuídas à presença de substâncias como cristais de oxalato de cálcio, ráfides e glicosídeos cardiotônicos. As plantas pertencentes à Euphorbiaceae detêm efeitos carcinogênicos em seus compostos químicos, pela presença dos ésteres de forbol (AGUIAR; VEIGA JUNIOR, 2021).

A flora brasileira é vasta e abrange milhares de espécies ainda não estudadas, resultando no desconhecimento dos princípios ativos, atividades terapêuticas e toxicidade dessas plantas. Este cenário é preocupante, uma vez que intoxicações por plantas têm se tornado um grave problema de saúde pública (SILVA et al., 2020). Considerando a ampla utilização de espécies (tanto de origem nativa quanto exótica) potencialmente nocivas à saúde de humanos e animais domésticos, é necessário que se realizem estudos focados na ocorrência local de plantas tóxicas. Deste modo, objetivou-se neste estudo verificar a ocorrência de plantas ornamentais tóxicas na região urbana de União da Vitória-PR, especificamente nos espaços públicos localizados na área central do município e nas residências do bairro São Basílio Magno. Ademais, verificar o senso comum dos residentes em relação a toxicidade das espécies ornamentais comumente cultivadas em residências.

Materiais e métodos

Área de estudo

O estudo foi realizado na região urbana do município de União da Vitória-PR, especificamente na área central e no bairro São Basílio Magno (ambiente urbano). Segundo dados do último censo

demográfico realizado em 2023 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), União da Vitória apresenta uma área territorial de 719,998 km² e aproximadamente 55.033 mil habitantes. O clima predominante na região segundo a classificação de Köppen é o Cfb, clima subtropical úmido mesotérmico, com média do mês mais quente superior a 22 °C e do mês mais frio inferior a 18 °C, sem estação seca definida, e a vegetação predominante é a floresta com Araucária (*Araucaria angustifolia* (Berth.) Kuntze) além da presença de florestas com imbuia (*Ocotea porosa* (Nees.) Barroso) e de árvores típicas de áreas de silvicultura, como pinus (*Pinus* spp.) e eucalipto (*Eucalyptus* spp.) (MAACK, 2017).

Amostragem

A amostragem foi realizada em oito praças da região central do município de União da Vitória – PR, selecionadas por acessibilidade e representatividade urbana, e residências localizadas no bairro São Basílio Magno (Figura 1). Foram selecionadas oito praças localizadas na região central do município, sendo elas: Bento Munhoz (-26°20'85"S; -51°88'46"W), Expedicionários (-26°24'59"S; -

51°93'45"W), João de Lima (-26°25'89"S; -51°84'90"W), Coronel Amazonas de Araújo Marcondes (-26°28'02"S; -51°85'87"W), Joaquim Fernandes Luiz Filho (-26°27'53"S; -51°83'56"W), Pedro Girardello Neto (-26°27'93"S; -51°81'94"W), Dr. Alvir Riesemberg (-26°29'93"S; -51°86'10"W) e Visconde de Nacar (-26°30'22"S; -51°84'67"W).

Os espaços públicos variaram em relação a sua estrutura vegetal ornamental, possuindo árvores de pequeno a grande porte, além de outras espécies florísticas utilizadas na ornamentação que não apresentam riscos conhecidos à saúde de humanos e animais domésticos, algumas das praças apresentam áreas de lazer comunitário.

As residências foram selecionadas com base em dois critérios: 1) presença de plantas tóxicas de frente às casas; 2) consentimento do morador em participar da pesquisa. No que se refere a estrutura, as residências localizadas no bairro São Basílio Magno, em sua maioria possuem muros altos, o que dificultou o primeiro critério de seleção. Não apresentaram um padrão de construção, sendo observadas residências de alvenaria e madeira, com ausência de jardim e espécies florísticas.

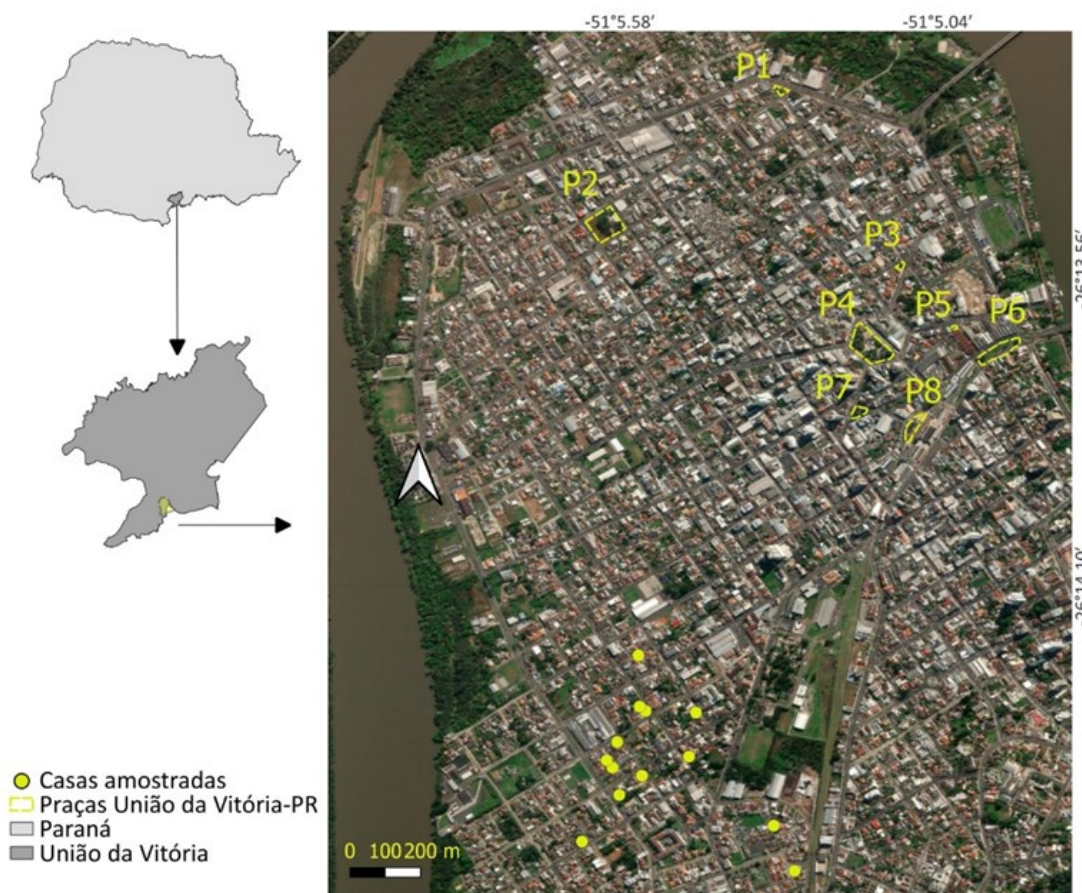


Figura 1. A) Localização dos espaços públicos da área urbana central de União da Vitória -PR. P1: Praça Bento Munhoz, P2: Praça Expedicionários, P3: Praça João de Lima, P4: Praça Coronel Amazonas de Araújo Marcondes, P5: Praça Joaquim Fernandes Luiz Filho, P6: Praça Pedro Girardello Neto, P7: Praça Dr. Alvir Riesemberg, P8: Visconde de Nacar; B) Localização das residências amostradas no bairro São Basílio Magno. Fonte: os autores, 2024.



Obtenção de dados

Inicialmente procedeu-se a busca na bibliografia científica, durante os meses de Junho a Dezembro de 2023, nas bases de pesquisa *online*: *Google Scholar*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), com objetivo de identificar quais são as plantas ornamentais consideradas tóxicas, mais comumente encontradas em domicílios e locais públicos. Os termos utilizados para a busca foram: 1) Plantas ornamentais; 2) Toxicidade de plantas; 3) Acidentes com plantas; 4) Plantas tóxicas do Brasil; 5) Plantas em espaços públicos, delimitando um intervalo temporal dos trabalhos publicados nos últimos 8 (oito) anos. Com base nos dados encontrados na bibliografia, elaborou-se uma lista das espécies ornamentais que ocorrem principalmente na região sul do Brasil para auxiliar durante a coleta dos dados.

A coleta de dados ocorreu entre março e setembro de 2024. Primeiramente, as praças foram visitadas com o objetivo de identificar a presença de plantas ornamentais tóxicas, o espaço foi percorrido e cada planta encontrada foi avaliada, inicialmente verificando sua presença na lista de espécies obtidas através da revisão bibliográfica.

Para coleta de dados nas residências, além dos mesmos materiais utilizados na coleta das praças, empregou-se um questionário estruturado (Apêndice 1) para avaliar o conhecimento dos residentes acerca das plantas ornamentais tóxicas, e um termo de consentimento livre e esclarecido, sem o qual a participação do indivíduo na pesquisa não seria possível. As coletas ocorreram em dias não chuvosos, inicialmente realizou-se um reconhecimento visual da área de estudo, sendo o bairro São Basílio Magno. Ao transitar pelas ruas identificou-se visualmente algumas plantas ornamentais consideradas tóxicas, as residências foram previamente mapeadas utilizando a localização do *Google Earth*.

Após a seleção preliminar, as residências foram visitadas. A abordagem inicial aos residentes envolveu a elucidação dos objetivos da pesquisa. Posteriormente, utilizou-se o termo de consentimento livre e esclarecido para prosseguir com os procedimentos. Em seguida, as plantas presentes nos espaços residenciais foram avaliadas conforme os mesmos critérios utilizados nas coletas realizadas nas praças. Por fim, aplicou-se o questionário estruturado. Este momento foi oportuno para informar

os residentes sobre as plantas ornamentais tóxicas, citando exemplos de outras espécies facilmente encontradas em espaços públicos, e orientando sobre os cuidados necessários para o manejo seguro dessas espécies, a fim de prevenir possíveis acidentes.

A catalogação das plantas foi realizada através de registros fotográficos, sem a necessidade de coleta física. Os dados obtidos foram tabulados para posteriores análises.

Análise dos dados

A identificação botânica das espécies fotografadas foi baseada em análises de herbários virtuais como o REFLORA (<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora>), e os dados foram organizados em uma planilha do Excel®, sendo realizada estatística descritiva em relação às respostas ao questionário estruturado.

Resultados e discussão

Nos espaços amostrados obteve-se o total de 11 espécies catalogadas (Figura 2), distribuídas em seis famílias botânicas, com maior representatividade para Araceae (46%) e Euphorbiaceae (18%) representadas na Figura 3.

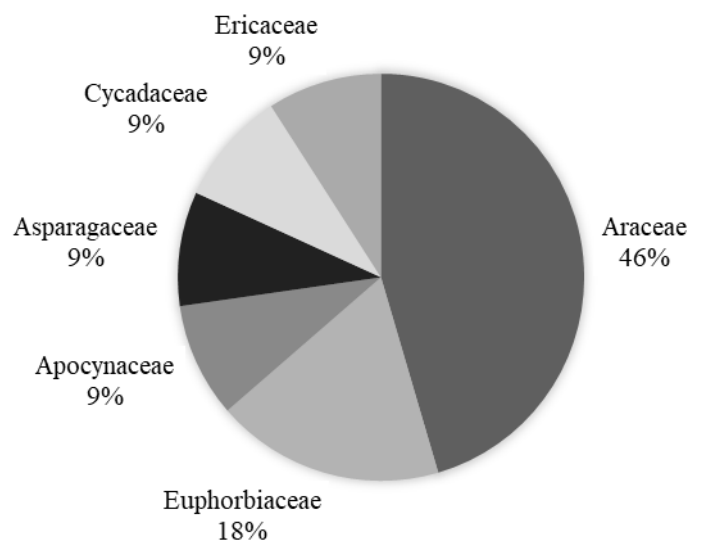


Figura 3. Distribuição das famílias botânicas (%) encontrados nos espaços amostrados em União da Vitória/PR, 2024. **Fonte:** os autores, 2024.

A presença de espécies ornamentais tóxicas nos espaços públicos foi baixa ($n = 2$) quando comparada ao número de espécies encontradas nas residências ($n = 10$) (Tabela 1).

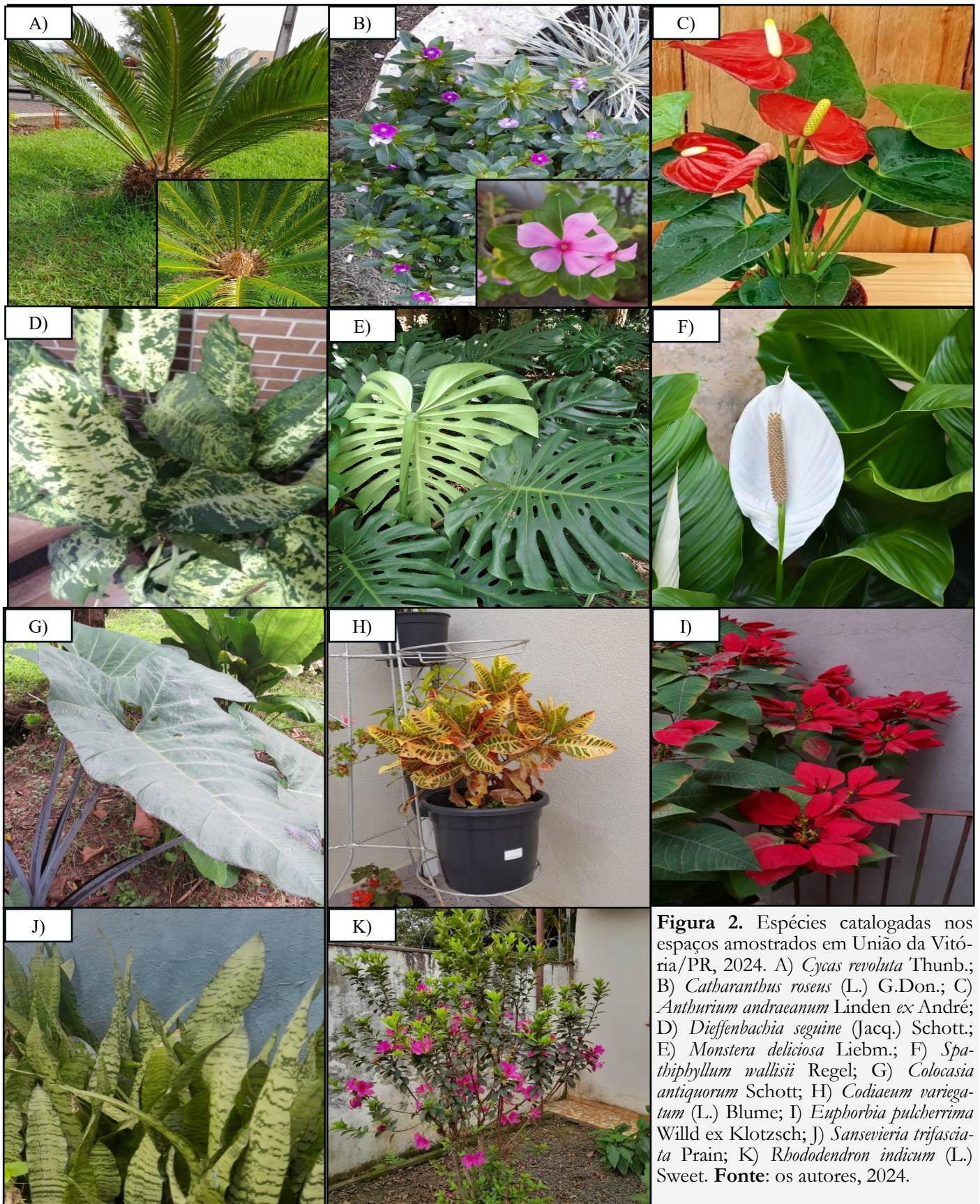




Tabela 1 – Espécies ornamentais potencialmente tóxicas catalogadas nos espaços amostrados em União da Vitória/PR, 2024. **Fonte:** os autores, 2024.

Espaços públicos		
Família botânica	Nome científico	Nome popular
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	Vinca
Cycadaceae	<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	Cica/Palmeira sagu
Residências		
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	Vinca
Araceae	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden ex André	Antúrio
Araceae	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott.	Comigo-ninguém-pode
Araceae	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela de adão
Araceae	<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	Lírio da paz
Araceae	<i>Colocasia antiquorum</i> Schott	Taioba brava
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada de São Jorge
Ericaceae	<i>Rhododendron indicum</i> (L.) Sweet.	Azaleia
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd ex Klotzsch	Bico de papagaio/Flor do Natal
Euphorbiaceae	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Blume	Cróton

Dentre os espaços públicos inventariados, apenas dois (Praça Alvir Riesenber e Expedicionários) apresentaram a ocorrência de plantas ornamentais consideradas tóxicas pela literatura, totalizando três espécimes catalogados, distribuídos em duas espécies (*Cycas revoluta* e *Catharanthus roseus*). A espécie *C. revoluta* (Figura 2-A), conhecida popularmente como cica ou palmeira-sagu, pertencente à família Cycadaceae, é preferida para uso em paisagismo do interior de residências, jardins e espaços públicos, por ser uma planta de fácil adaptação em diferentes condições ambientais, resistência a pragas e baixa demanda hídrica. Frequentemente, as espécies de *Cycas* são confundidas com as palmeiras, principalmente devido às suas características de plantas arborescentes (SILVA, 2023). A espécie teve ocorrência em apenas um espaço público e apresenta componentes tóxicos em todas as suas partes, entretanto, as sementes contêm maiores concentrações de toxinas. A espécie *C. roseus* (Figura 2-B), pertencente à Apocynaceae, popularmente conhecida como vinca, teve ocorrência em ambos os ambientes amostrados (Tabela 1). Tendo 5% de ocorrência nas residências e 67% nos espaços públicos (Figura 4). É uma planta herbácea perene, com cerca de 30 a 50 cm de altura. Suas folhas são elípticas, glabras, de cor verde escura brilhante, com uma nervura central pálida. Possui filotaxia oposta cruzada, sendo bastante ramificada. Suas flores são róseas ou brancas com corola com 5 pétalas em forma de lóbulos (SANTOS et al., 2022).

Além do uso na ornamentação, possui amplo potencial medicinal. No Brasil, o uso das folhas de *C. roseus* já foi documentado no controle de hemorragias e escorbuto, como enxaguante bucal para dor de dente, na cicatrização e limpeza de feridas crônicas e no tratamento de diabetes (NISAR et al., 2016). A partir da investigação científica, foi constatado que a planta contém alcaloides que, apesar de tóxicos, possuem importante potencial no tratamento do câncer. Os alcaloides vimblastina e vincristina identificados no caule e folhas da espécie possuem potencial de inibição do crescimento de tumores em humanos (SANTOS et al., 2022).

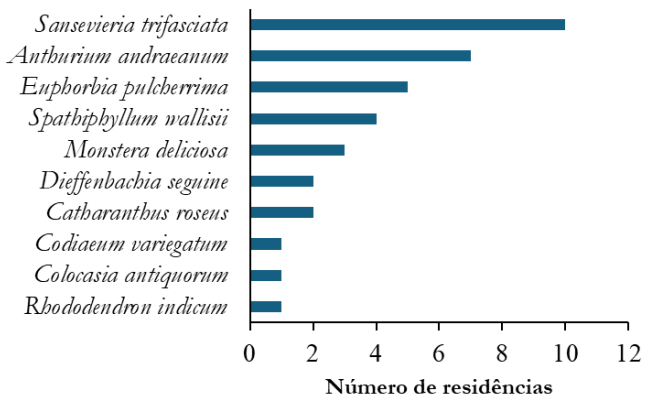


Figura 4. Ocorrência de espécies potencialmente tóxicas nos domicílios localizados no bairro São Basílio Magno, 2024. **Fonte:** os autores, 2024.



Nos espaços públicos estudados não há qualquer identificação ou alerta sobre a toxicidade das plantas. De acordo com Vasconcelos et al. (2009) é necessário adotar medidas educativas e preventivas para minimizar os riscos associados ao contato, principalmente de crianças com plantas potencialmente tóxicas. Uma das estratégias sugeridas pelos autores é a identificação das espécies por meio de placas informativas.

No que se refere as residências localizadas no bairro São Basílio Magno, de um total de 13 residentes participaram da pesquisa, resultando em 41 plantas catalogadas, as quais foram classificadas em 10 espécies distintas conforme a tabela 1.

Araceae possui cerca de 114 gêneros e 3.700 espécies distribuídas por todo o mundo (MARTINS et al., 2020). Trata-se da terceira maior família de monocotiledôneas, sendo subdividida em oito subfamílias. É considerada um dos grupos mais antigos dentro das angiospermas (CROAT et al., 2019), com ampla distribuição geográfica, exceto na região da Antártida e da zona temperada do hemisfério Sul.

As substâncias presentes nas plantas pertencentes a esta família, que incluem cristais de oxalato de cálcio, ráfides e glicosídeos cardiotônicos, possuem efeitos adversos que variam desde irritações leves na pele e nas mucosas até reações mais graves, como vômitos, diarreia, convulsões e óbito nos casos mais severos. Isso indica que algumas espécies da família são mais tóxicas do que outras (MORAES et al., 2023). A localização das substâncias tóxicas varia entre as espécies, algumas podem ter toxinas em todas as partes da planta ou somente em regiões específicas, como folhas, caule ou raiz (MORAES et al., 2023).

Obteve a maior representatividade (Figura 3), com cinco espécies localizadas nas residências. A espécie *A. andraeanum* (Figura 2-C) teve a segunda maior ocorrência nas residências (Figura 4) é uma planta perene com folhas sagitadas ornamentais e inflorescência em espádice. Suas espatas são atrativas e podem apresentar cores variadas, como branco, vermelho, rosa e salmão (PEDRINHO et al., 2020). É uma espécie tóxica devido a presença de oxalato de cálcio, um composto químico que apresenta cristais capazes de perfurar os tecidos da região do pescoço, impedindo a passagem de ar e levando até à morte por asfixia. A espécie *D. seguine* (Figura 2-D), é destacada por Martinho e Felix-Silva (2021) como responsável predominante pelos casos de intoxicação humana devido à presença de oxalato de cálcio e saponinas em todas as partes da planta.

Os autores ainda ressaltam que os acidentes envolvendo essa planta ocorrem principalmente com crianças, que são atraídas pelas folhas coloridas e vistosas, muitas vezes as utilizando de forma errônea (p.ex. vasos dispostos no chão, facilmente acessível). Apesar de ser uma espécie comumente encontrada, apresentou ocorrência em apenas 5% das residências participantes deste estudo (Figura 4). Na mesma linha de pesquisa, o estudo de Souza (2019) realizado em 10 residências do município de Comodoro/MT identificou sete espécies pertencentes à família Araceae, destacando a espécie *D. seguine* (comigo-ninguém-pode) com maior ocorrência.

As espécies *M. deliciosa* (Figura 2-E) e *S. wallisii* (Figura 2-F) são tóxicas devido a presença de cristais de oxalato de cálcio (AGUIAR; VEIGA JUNIOR, 2021), e apresentaram ocorrência de 7% e 10%, respectivamente (Figura 4).

A espécie *Xantossoma. taioba* é uma Planta Alimentícia Não Convencional (PANC) com aplicação tanto culinária quanto ornamental. Suas folhas representam a principal parte comestível, sendo amplamente utilizadas na alimentação. Os rizomas, embora também sejam consumíveis, necessitam de preparo adequado, como cozimento prolongado ou processamento em forma de farinha, para garantir a segurança alimentar e a digestibilidade. Entretanto, nem todas as espécies popularmente conhecidas como taioba, podem ser consumidas. A taioba brava (*C. Antiquorum*; (Figura 2-G), é um exemplo disso, pois apresenta toxinas que podem causar reações patológicas quando ingeridas. Uma característica que pode auxiliar na diferenciação entre as espécies, é que a taioba brava possui talos e folhas verde arroxeadas (conforme visto na figura 2-G), e a taioba comestível apresenta folhas e talos verde claros (BOTREL et al., 2017).

Euphorbiaceae abrange aproximadamente 307 gêneros e 6.900 espécies, distribuídas predominantemente nas regiões tropicais e subtropicais. Apresentam um hábito de crescimento bastante diversificado, incluindo ervas, subarbustos, árvores e trepadeiras, algumas das quais podem ser suculentas. A toxicidade das suas espécies é devida às substâncias químicas presentes no látex. Esses compostos podem causar reações inflamatórias nos tecidos, especialmente na mucosa intestinal. Obteve a segunda maior representatividade (Figura 3), com duas espécies localizadas nas residências. A espécie *C. variegatum* (Figura 2-H) é uma planta arbustiva com folhagem exuberante. Apresenta caule que varia de textura semi-lenhosa a lenhosa e contém seiva leitosa tóxica;



suas folhas são coriáceas, brilhantes e podem ter diversas formas, incluindo afiladas, lobadas, ovadas ou retorcidas, variando também em tamanho; suas sementes possuem alto nível de toxicidade, enquanto o caule, as raízes e as folhas possuem um nível menor de toxicidade, contudo, é recomendado que sempre que for manipular esta espécie vegetal, a pessoa faça uso de luvas, pois além de ser tóxica a seiva emitida pela planta pode causar irritações na pele das pessoas (SIMÕES et al., 2018). A espécie *E. pulcherrima* (Figura 2-I), teve a terceira maior ocorrência nas residências (Figura 4), popularmente conhecida como bico de papagaio ou flor do Natal, produz uma seiva leitosa tóxica, que ao entrar em contato com a pele, pode ocasionar queimaduras e irritações (SIMÕES et al., 2018).

As demais famílias botânicas tiveram 9% de representatividade, o que resulta em apenas uma espécie encontrada. Entre as espécies catalogadas nas residências, a mais frequente utilizada para ornamentação foi a *S. trifasciata* (Figura 2-J) conhecida popularmente como espada de São Jorge, apresentou exemplares em 24% das residências (Figura 4). É uma planta herbácea altamente tóxica (SIMÕES et al., 2018), pertencente à Asparagaceae, amplamente cultivada no interior das residências devido ao seu valor ornamental, contém substâncias químicas tóxicas. Estas substâncias, produzidas para a manutenção adequada de suas funções fisiológicas, incluem saponinas, oxalatos de cálcio e alcaloides (ADAMSKI et al, 2020).

A espécie *R. indicum* (Figura 2-K) pertencente à família Ericaceae, conhecida popularmente como azaleia, contém grayanotoxinas, que afetam a função dos músculos esqueléticos e cardíacos (SIMÕES et al., 2018).

Quando questionados sobre ter o conhecimento a respeito da existência de plantas ornamentais tóxicas, 77% dos residentes responderam “sim” e 33% responderam “não”, e se reconheciam ou suspeitavam da presença de alguma planta tóxica em sua residência 38% responderam “sim”; as espécies citadas foram *D. seguine* e *A. andraeanum*, e 62% responderam “não”. Um estudo realizado por Vasconcelos et al. (2009), por meio de um questionário validado, em Belém/PA, evidenciou que menos da metade da população avaliada tinha algum tipo de informação a respeito de plantas tóxicas, o que potencializa o risco de ocorrência de casos de intoxicação, especialmente, entre as populações mais vulneráveis.

Em relação ao acesso às informações, 62% dos participantes relataram não terem recebido in-

formações seja na comunidade ou escola sobre plantas tóxicas, especificamente as ornamentais, os outros 38% tiveram acesso às informações através de sites *online* e até mesmo do médico veterinário devido a presença de animais domésticos. O desconhecimento por parte da população sobre efeitos secundários e toxicidade de espécies utilizadas habitualmente pode levar a consequências sérias, visto que os efeitos causados pela intoxicação de plantas são diversos, variando de sintomas leves como vômito até mais graves, como o óbito.

No que se refere à utilidade dessas plantas, com características tóxicas, a maior parte é utilizada na ornamentação (77%); motivos religiosos (15%), a espécie citada pelos residentes foi *S. trifasciata*, utilizada para a proteção da casa e contra mau olhado; e 8% dos residentes foram presenteados com as espécies.

Considerações finais

Como em qualquer outro tipo de pesquisa, o desenvolvimento deste trabalho apresentou pequenos contratempos. A baixa adesão dos residentes limitou a amplitude dos dados coletados, pois, observou-se a presença de espécies tóxicas em várias residências, porém, os proprietários não demonstraram interesse em participar da pesquisa e receber informações a respeito da toxicidade das espécies.

Os resultados demonstram que embora as plantas tóxicas estejam presentes no cotidiano das pessoas, muitas não conseguem identificá-las ou receberam informações sobre potencial tóxico delas. Este cenário é preocupante, visto que a manipulação errônea de algumas espécies pode causar danos à saúde humana e animal.

Referências

- ADAMSKI, Z.; BLYTHE, L. L.; MILELLA, L.; BUFO, S. A. Biological activities of alkaloids: From toxicology to pharmacology. In **Toxins**, v. 12, n. 4, p. 210, 2020.
- AGUIAR, A.; VEIGA JÚNIOR, V. O jardim venenoso: a química por trás das intoxicações domésticas por plantas ornamentais. **Química nova**, v. 44, n. 8, p. 1093- 1100, 2021.
- BOTREL, N.; MADEIRA, N. R.; MELO, R. A. C.; AMARO, G. B. **Hortaliças não convencionais. Hortaliças tradicionais: taioba (2017)**. Portal EMBRAPA. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/161007/1/f-taioba.pdf>.



- Acesso em: 25 set, 2024.
- CAMPOS, S.C.; SILVA, C.G.; CAMPANA, P.R.V.; ALMEIDA, V.L. Toxicidade de espécies vegetais. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 18, n. 1, p. 373-382, 2016.
- COELHO, A. P.; ESCOBAR, C. J. R.; DANTAS, E. G.; CRUZ, E. R.; NAIA, G. L.; MADRID, G. A. C.; SANTOS, H. D. H.; ELIAS, R. M.; DOMBROSKI, T. C. D. Perfil epidemiológico das intoxicações por plantas tóxicas no estado do Mato Grosso entre os anos de 2008 a 2017. **Mato Grosso: caderno de publicações universitárias** – n.9, p.23-28. 2018.
- CROAT, T. B., TEISHER, J., HANNON, L. P., & KOSTELAC, C. V. Araceae of the LitaSan Lorenzo Region (Esmeraldas Province, Ecuador). Part 1: Anthurium sect. Polyneurium. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, v.104, n. 1, p.105–168. 2019.
- CRUZ, A. L. **Plantas tóxicas: abordagem dos aspectos botânicos, toxicológicos e preventivos**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)– Universidade Estadual de Goiás, curso de Farmácia. Goiás, 2019.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2023**. Cidades. União da Vitória – PR. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/uniao-da-vitoria/panorama>. Acesso em: 10 nov, 2023.
- MAACK, R. Geografia Física do Estado do Paraná, 4th edn. **Editora UEPG, Ponta Grossa**, 2017.
- MARTINHO, R. B. D. D.; FELIX-SILVA, J. Análise epidemiológica dos casos de intoxicação humana por plantas no Brasil (2015-2019). **BIOFARM-Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 17, n. 4, p. 1133-1145, 2021.
- MARTINS, A. G.; ROSÁRIO, D. L.; BARROS, M. N.; JARDIM, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil: Belém, 2016.
- MARTINS, M. K. O.; FERREIRA, B. O.; COSTA, F. B.; DOS SANTOS, G. S.; COSTA, J. F. Plantas tóxicas no ambiente escolar: com a palavra, professoras da educação infantil de Aldeias Altas, Maranhão, **Brasil. Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e586974451-e586974451, 2020.
- MORAES, C. T. P.; SANTOS, F. S.; GUIMARÃES, R. P.; CRISPIM, G. S.; CARVALHO, A. B. Riscos associados à utilização de plantas venenosas da família Araceae na ornamentação de casas e jardins públicos. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 11, p. 14552-14574, 2023.
- NISAR, A.; MAMAT, A. S.; DZAHIR, M. I. H. M.; AHMAD, M. S.; ASLAM, M. S. An updated review on Catharanthus roseus: phytochemical and pharmacological analysis. **Indian Research Journal of Pharmacy and Science**, v. 3, n. 2, p. 631-653, 2016.
- PEDRINHO, D. R.; MATIAS, R.; VIEIRA, S. C. H. (org.). **Boletim técnico: plantas ornamentais tóxicas**. Londrina: Editora Científica, 2020. 27 p.
- REFLORA, Herbário virtual. Disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/>. Acesso em: 28, set 2024.
- SANTOS, A. F. dos.; SANTOS, L. T. dos.; NASCIMENTO, M. P. do.; OLIVEIRA, E. L. de.; RIBEIRO, T. G.; PEREIRA, F. D.; LIMA, G. de A.; GONÇALVES, W. T.; ROCHA, M. I.; FEITOSA, T. K. M.; CRUZ, M. F. da.; TAVARES, S. G. S.; FIGUEROA, M. E. V.; PEREIRA, G. G. Review of three medicinal and ornamental species of the family Apocynaceae Juss. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. e1011224876, 2022.
- SILVA, L.G.; SAAD, L.A.; SALMEN, D.C.; MOMESSO, L.S. Principais plantas tóxicas: uma revisão. Curso de Farmácia – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-Unifio/FEMM. **Anais**, 2020.
- SILVA, M. M. S. **Aspectos epidemiológicos e clínicos dos acidentes com *Cycas revoluta* em cães registrados pelo Centro de Informação Toxicológica (CIT-RS) entre 2012-2022**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Veterinária, Curso de Medicina Veterinária, Porto Alegre. 2023
- SIMÕES, R. S.; FUCHS, L. F. P.; DE MATTOS, L. S. **Folhagens, Flores, frutos, tubérculos e raízes venenosos mais comuns**. 2018. Disponível em: <https://anatomia-papel-e-caneta.com/wp-content/uploads/2018/11/Plantas-venenosas.pdf> Acesso em: 28 set, 2024.
- SOUZA, R. S. Plantas ornamentais tóxicas no município de Comodoro-MT. **Revista Biodiversidade**, v.2, n. 18, p. 79-93. 2019
- VASCONCELOS, J.; VIEIRA, J.G.P.; VIEIRA, E.P.P. Plantas tóxicas: conhecer para prevenir. **Revista Científica UFPA**, v.7, n.1, p.1- 6, 2009.



APÊNDICE 1. Questionário estruturado



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Bairro: _____ Data: _____

1. Você sabe que existem plantas ornamentais tóxicas?

() SIM () NÃO

2. Reconhece ou suspeita que possui em sua casa alguma planta que seja potencialmente tóxica?

() SIM () NÃO

3. Em casa, na escola ou na comunidade você já teve alguma informação sobre plantas tóxicas?

() SIM () NÃO

Se sim, quais informações?

4. Qual o motivo de ter essa planta em casa? (se possuir planta tóxica)

() SUPERSTIÇÃO () ORNAMENTAL () PRESENTE

() OUTRO _____